

# Hegel

## Introdução à história da filosofia (trechos 2)

Tradução: Euclidy Carneiro da Silva

### a) O ser em si

O que agora se nos apresenta na evolução é que deve existir algo que é desenvolvido, logo algo envolvido, o gérmen, a aptidão, a potência, é o que Aristoteles chama *dynamis*, isto é, a possibilidade (mas-a possibilidade real, não, por certo, uma possibilidade superficial), ou, como é chamada, é em si, aquilo que é em si e só o é imediatamente assim.

Do que é em si tem-se ordinariamente a alta opinião de que é o verdadeiro. Aprender a conhecer a Deus e o mundo, quer dizer: conhecê-los em si. Mas o que é em si, não é ainda o verdadeiro, mas o abstrato; é o gérmen do verdadeiro, a aptidão, o ser em si do verdadeiro. É alguma coisa simples, sem dúvida, o que contém o que possui as qualidades do múltiplo em si, mas na forma da simplicidade, um conteúdo, que ainda está envolto.

Um exemplo disso dá o germe. O germe é simples, quase um ponto. Até por meio do microscópio, descobre-se pouca coisa nele. Mas este simples contém todas as qualidades da árvore. No germe está contida toda a árvore, seu tronco, seus ramos, suas folhas, suas cores, o cheiro, o sabor, etc. Entretanto, este simples, o germe, não é a árvore. Esta diversidade ainda não existia. É essencial saber isto: algo contém uma diversidade em si, mas ainda não existe por si.

Um exemplo ainda mais importante é o Eu. Quando digo Eu, digo algo inteiramente simples, o universal abstrato, - o comum a todos; cada um é um Eu. E, não obstante, este é o reino múltiplo das representações, dos impulsos dos desejos, das inclinações, dos pensamentos etc. Num simples ponto, no Eu, está contido o todo. É a força, o conceito de tudo aquilo que o homem desenvolve de si.

Segundo Aristóteles, se pode dizer que no simples que é em si na *dynamis*, *potência*, na aptidão, está contido tudo o que há de desenvolver-se. Na evolução não se pode descobrir nenhuma outra coisa senão o que existe já em si.

O germe é o conceito da planta. Mas, encontramos nele somente um ponto de partida. Dele se origina a planta. É o ativo, e a atividade consiste no fato de ele produzir a planta. A planta é precisamente só esta vida que é a planta. O que permanece sem vida, sem movimento, é a madeira. Converter-se em madeira é a morte. Mas a planta, enquanto planta real, é o contínuo produzir-se, o produzír-se a si mesma.

Planta que realizou um curso de vida se é capaz de produzir de novo um germe. O germe está dotado de toda a forma da planta. A força e o produzido é uma e mesma coisa. Não se descobre nenhuma outra coisa senão o que já existia. Esta unidade do ponto de partida, do que se move, e do é o essencial que há de afirmar-se aqui.

#### b) A existência (Dasein)

O segundo é que o em si, o simples, o envolto, se desenvolve, cresce. Desenvolver-se quer dizer: pôr-se, entrar na existência, existir como algo distinto. Imediatamente, se diferenciou em si e existe só nesta simplicidade ou neutralidade, como a água que é clara e transparente e, contudo, contém tantos elementos físicos e químicos, tantas possibilidades orgânicas em si.

O segundo é também que a existência está em relação com outras coisas, que existe como alguma coisa diferente. É uma e mesma coisa, ou melhor, um e o mesmo conteúdo, quer exista em si, envolta, quer exista desenvolvida. É apenas uma diferença de forma. Mas desta diferença tudo depende.

O outro lado digno de nota é que, enquanto o germe se desenvolve para o germe, entre o ponto de partida e o ponto final se encontra o *meio*. Este é a *existência*, este ser outro, a evolução, o desenvolvimento como tal, o qual se concentra de novo no simples germe.

A forma da proporção singular do todo, todas as determinações diferentes, as quais se encontram na formação do germe, dão somente o desenvolvimento, a existência. Isto se há de afirmar.

Do mesmo modo existe oculto na alma do homem, no espírito humano, todo um mundo de representações. Estas representações estão como envoltas no eu inteiramente simples. somente, assim caracterizo eu o germe. Mas todas estas representações se desenvolvem para fora e voltam de novo ao eu. É o movimento da ideia, do racional. Nosso esforço para reunir de novo esta quantidade de representações nesta unidade, nesta idealidade, é nossa atividade espiritual.

[...]

Mas enquanto o Eu é o objeto do pensar, é o espírito precisamente isto: produzir-se, sair fora de si, saber o que ele é.

Nisto consiste a grande diferença : o homem sabe o que ele é. Logo, em primeiro lugar, ele é real. Sem isto, a razão, a liberdade, não são nada. O homem é essencialmente

razão O homem, a criança, o culto e o inculto, é razão. Ou melhor, a possibilidade para isto, para ser razão, existe em cada um, é dada a cada um. Entretanto, a razão não ajuda em nada a criança, o inculto. É somente uma possibilidade, embora não seja uma possibilidade vazia, mas possibilidade real e que se move em si.

Somente o adulto, o formado, sabe pela educação o que ele é. A diferença é somente que a razão existe ali somente como aptidão, em si, mas aqui existe explicitamente, passou da forma de possibilidade à existência.

### c) O ser por si

Terceira determinação: o que existe em si, e o que existe por si, são somente uma e a mesma coisa. Isto quer dizer precisamente evolução. O em si que já não fosse em si seria assim outra coisa. Por conseguinte haveria ali uma variação, uma mudança. Na mudança existe algo que chega a ser outra coisa. Na evolução podemos também, sem dúvida, falar da mudança, mas esta mudança deve ser tal que o outro, o que resulta, é ainda idêntico ao primeiro, de maneira que o simples, o ser em si não seja negado. É algo concreto, algo distinto. Entretanto contido na unidade, no em si primitivo. O germen se desenvolve assim, não muda. Se o germen fosse mudado desgastado, triturado, não poderia evoluir. Esta unidade do existente, do que existe, e do que é em si é o essencial da evolução. É um conceito especulativo, esta unidade do diferente, do germen e do desenvolvido. Ambas estas coisas são duas e no entanto uma. É um conceito da razão. [...] Mas o entendimento abstrai não pode conceber isto, o entendimento fica nas diferenças, só pode compreender abstrações, não o concreto, nem o conceito.

[...]

O movimento que constitui a realidade é o passar do subjetivo ao objetivo. Esta passagem é em parte, simples, imediata, mas também em parte não simples, mas uma passagem através de muitas etapas. Assim-o desenvolvimento da planta, de germe a germe. A mais baixa espécie de plantas, por exemplo, são fibras e nós e a passagem é de semente a semente, de nó a nó ou de bulbo a bulbo, logo, imediata. Mas o curso do germe da planta a um novo germe é mediato. Durante o curso se encontram as raízes, o tronco, as folhas, as flores, etc. Logo este é um ciclo desenvolvido, mediato. Assim há também no espírito algo imediato como intuição, percepção, crença, algo outro, porém mediado pelo pensar. Temos que notar agora que neste ciclo da evolução existe uma sucessão ordenada. Raízes, tronco, ramos, folhas e flores, todos estes estados são distintos uns de outros.

Nenhuma destas existências é a verdadeira existência da planta (porque são somente transitórias). Com efeito essas existências são situações passageiras que se repetem sempre, das quais uma contradiz às outras. Cada existência da planta é refutada pelas outras.

É preciso pôr em relevo aqui esta refutação, este comportamento negativo de cada um destes momentos para com os outros. Porém ao mesmo tempo temos também a ternos à única vitalidade da planta. Esta unidade, esta simplicidade, permanece através de todas as situações. Todas estas determinações, todos estes momentos são simplesmente necessários e têm por finalidade o fruto, o produto de todos estes momentos, e o novo germe.

Resumindo, teremos uma única vida a qual está oculta. Mas depois entra na existência e separadamente, na multiplicidade das determinações, e que como graus distintos são necessárias. E juntas de novo constituem um sistema'. Essa representação é uma imagem da história da filosofia.

O primeiro momento era o em si da realização, e em si do germe, etc. O segundo é a existência, aquilo que resulta. Assim, o terceiro é a identidade de ambos, mais precisamente agora o fruto da evolução, o resultado de todo este movimento. E a isto chamo abstratamente o ser por si.

É o ser por si do homem, do espírito mesmo; pois a planta não tem ser por si, a não ser que falemos uma linguagem que se refira à consciência. Somente o espírito chega a ser verdadeiro por si, idêntico consigo.

[...]

A vida de Deus em si mesma, a universalidade da Natureza e no espírito, é a evolução de todo vivente, do mais baixo ao mais alto. É um diferenciar-se, um trazer à existência, um ser por outro e um permanecer idêntico consigo mesmo. É a eterna procriação do mundo, na forma diferente do Filho, o eterno regressar do espírito a si mesmo.